

A Tradição.

BOLETIM DO GREMIO PORTUGUEZ TRADICIONALISTA



ADMINISTRADOR E EDITOR

J. LOBO D'AVILA

ADMINISTRAÇÃO

Sede do Grémio: Rua do Sol, a Santa
Catharina, 40-A 1.º

Propriedade do

GREMIO PORTUGUEZ TRADICIONALISTA

Numero avulso \$50

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «IMPRESSA RADIO»

50 — R. do Seculo — 66 Tel. N. 3444

DIRECTOR

J. NUNES DE FREITAS

REDACÇÃO

Sede do Grémio: Rua do Sol, a Santa
Catharina, 40-A, 1.º

O Pacto de Paris e a cruzada nacionalista

N'ESTA questão do chamado Pacto de Paris, como de resto em todos os assumptos que n'«A Tradição» temos tratado, convem accentuar que não nos movem odios contra pessoas, sejam ellas quae, forem e quaesquer que sejam as ideias que professessem, mas tão somente a justa defesa dos nossos principios e dos nossos Principes, cujo triumpho queremos assegurar com o nosso esforço, não o confiando ao acaso, nem ás habilidades de adversarios, que de algum modo tentem explorar a boa fé dos que, com sinceridade, que não temos duvida em reconhecer, desejam ver terminadas as contendas entre monarchicos para assim, segundo julgam, mais facilmente derrubarem a republica.

E' para estes que vamos fallar, para estes que dizem não fazer questão de Rei, nem mesmo de systema, embora concordem que o parlamentarismo tem sido a ruina do paiz e desejem que a monarchia a restaurar seja differente do regimen abolido em 1910. Monarchicos mais pelo sentimento do que pelo cerebro, em parte por uma questão de esthetica, porque acham a republica reles, o seu concurso não deixa, todavia, de ser apreciavel e por isso bem merecem que lhe digamos que o coração os leva a ver erradamente o problema da restauração monarchica, imaginando que, uma vez destruido o existente, está feita, ou a caminho de fazer-se, a felicidade da Nação.

Ora não é assim. A republica não é o unico inimigo que é necessario combater se quizermos fazer entrar o nosso Portugal no caminho da prosperidade e da gloria. A republica é apenas um incidente da luta que se vem travando, desde ha um seculo, entre a Tradição Nacional e o liberalismo maçonico, trazido de França pelos soldados de Napoleão e aqui implantado pelos chamados bravos de Mindello.

A esses monarchicos de boa fé, mas que nunca profundaram bem a verdadeira doutrina monarchica, diremos que se enganam redondamente, pensando que seja facil negociar um pacto que ponha termo á divisão entre os partidarios do throno.

E' tarde de mais para que se possa tentar com exito e reconciliação sincera entre constitucionaes e tradicionalistas. A culpa não é nossa, mas sim dos politicos do constitucionalismo, que nunca souberam comprehender a situação, persistindo sempre em tratar comnosco, não de igual para igual, mas com aquella superioridade com que vencedores, pouco generosos, usam tratar os vencidos. E assim, teimando n'um ponto de vista que não corresponde á realidade dos factos, não sabendo aproveitar as oportunidades com que o sorte os tem favorecido, teem deixado crescer a onda que os ha de levar adeante, de vencida, afastando-os para longe como moda que passou, não deixando saudades.

Odios já não existem, mas a divergencia de principios é cada vez mais accentuada. Os odios acabaram na tarde sinistra em que El-Rei D. Carlos e o Principe D. Luiz Filipe foram victimas da traiçoeira emboscada do Terreiro do Paço. N'essa occasião, perante a horrorosa tragedia, o coração magnanimo do Senhor Dom Miguel II commoveu-se e propoz a paz incondicionalmente, offerecendo-se para vir assegurar a defesa do throno. Ora os legitimistas estavam então sós, eram os unicos a erguer a bandeira dos bons principios tradicionaes, nada fazendo prever o apparecimento do Integralismo Luzitano e o consequente impulso que com elle levaram as ideias nacionalistas. Possivel e provavel é que, embora desgostosos pela forçada abdicção dos seus ideaes, dada a grande dedicação, o affecto, a verdadeira ternura que a todos os legitimistas mereceu sempre a Augusta Familia exilada, a alegria de verem em Portugal o Senhor Dom Miguel de Bragança levasse esses fieis servidores a formarem em volta do throno, que o seu Chefe Supremo se propunha defender tão galharda e generosamente. E, sendo assim, a paz ter-se-hia feito e e nunca o Senhor Dom Manuel teria mais leaes vassallos.

A paz, porém, não se fez porque os conselheiros da Carta não souberam ou não quiseram aproveitar a oportunidade que se lhes deparava. Apesar de tudo o miguelismo metteu-lhes medo e o partido progressista, em especial, manifestou-se abertamente contrario á vinda, para o nosso paiz, do Senhor Dom Miguel (1). E assim deixaram morrer a monarchia desamparada, receosos, evidentemente, de que uma corrente nova, approximando-se do throno, lhes contrariasse a influencia politica.

Foi por culpa nossa?! Não foi, mas ainda bem... Deus escreve, na verdade, direito por linhas tortas! E assim Deus deu tempo a que a monarchia constitucional, perseguidora da religião, cahisse, a que o partido legitimista se impozesse, por apparecer, desde logo, na primeira linha de combate contra a republica, e a que o Integralismo Luzitano apparecesse e rapidamente, mercê do talento dos iniciadores d'esse bello movimento, fizesse a propaganda da boa doutrina que, devidamente ampliada, arejada, passou dos solares, onde tão ciosamente tinha sido conservada pelos miguelistas, para o meio da mocidade, que a acolheu com enthusiasmo em vista do mau caminho por onde o liberalismo tinha conduzido o paiz.

Depois d'esta, a unica tentativa de aproximação, digna de registo, foi o Pacto de Paris, que teria talvez tido seguimento se na realidade fosse um pacto, no bom sentido da palavra; mas ainda n'essa occasião o liberalismo não soube comprehender as circumstancias do momento, de forma que, collocando-se alto de mais, entendeu que todas as garantias lhe eram devidas, ficando nós, integralistas e legitimistas, na triste situação de vencidos, que se entregam com armas e bagagens, sem nenhuma honra de guerra. A habilitade do lado constitucional foi tão grande, quiz ir tão longe, que deitou tudo a perder. Um pouco menos de habilitade e um pouco mais de conhecimento das pessoas e das circumstancias teria talvez, ainda n'esse momento, conciliado as coisas. Mas Deus bem sabe o que faz. Assim o Pacto de Paris teve a resposta altiva e digna que lhe deu o Conselho Superior do Partido Legitimista. Felizmente.

Hoje, repetimos, em nossa opinião, é tarde de mais para se tentar qualquer reconciliação. O que ha tres ou quatro annos poderia ser acceitavel, seria hoje pessimo, dado o descredito completo do parlamentarismo e a marcha triumphante das ideas anti-parlamentares. Hoje, o interesse nacional exige que nenhum pacto se faça entre constitucionaes e tradicionalistas como a seguir tentaremos demonstrar.

Quem lê com attenção jornaes e livros, quem olha o que se passa na Europa latina, quem convive com operarios, quem palpita a opinião publica, sabe perfeitamente que não é uma phrase banal o que acabamos de afirmar. Não, o descredito do parlamentarismo e a tendencia para regressar em materia politica e administrativa, como de resto em tudo o mais, ás velhas tradições, são factos que constantemente se estão affirmando. O proprio Senhor Dom Manuel confessa, na sua recente mensagem, que os jornaes manuelistas publicaram, que o *systema* parlamentar, tal como elle existe, falliu. Já é alguma coisa, mas é apenas metade da verdade. O *systema* falliu *tal como existe* e

de qualquer outra forma. Não é susceptivel de remendos, já não supporta concertos.

Muito recentemente ainda, por occasião da apresentação da Cruzada Nun'Alvares, em sessão realisada na Sociedade de Geographia, tivemos ensejo de observar, com intimo jubilo, quanto ás ideas que aqui defendemos teem caminhado, quanto foi productiva a semente lançada á terra pelos propagandistas do Integralismo Luzitano. O discurso do Doutor Martinho Nobre de Mello, que tão fartos applausos colheu da multidão, que enchia a vasta sala Portugal, poderia ser, salvo um ou outro ponto, perfilhado por qualquer legitimista ou integralista. Quanto ao commandante Filomeno da Camara deu-nos occasião de verificar o que acima dizemos. Foi quando S. Ex.^a affirmou que não era para admirar a facilidade com que se passou da monarchia liberal para a republica, visto que a primeira foi jacobina e jacobina é a segunda. N'esse momento a assistencia manifestou-se entusiasticamente e estrepitosas palmas apoiaram a affirmação do orador.

Quem, pois, era a maioria da gente que enchia a vasta sala?

Eram integralistas? Eram legitimistas?

Pouco importa isso. Accentuemos apenas que somos, afinal, em muito maior numero do que se imagina. Assim como os homens não se medem aos palmos, tambem a força d'uma Causa não pode avaliar-se pela quantidade dos seus adeptos filiados em agremiações politicas. Certo é que a maioria das pessoas que assistiram á apresentação da Cruzada Nun'Alvares pensava como nós em determinados pontos, embora n'outros possa não estar inteiramente d'accordo com o nosso modo de ver. Para essas pessoas, como para nós, o inimigo a combater não é apenas a actual republica, é tambem a monarchia liberal, que a republica, muito logicamente, veio substituir.

A gente que se reuniu na sala Portugal, apesar de muita, era apenas a representação das correntes tradicionalistas e anti-parlamentares que se teem formado dentro de todos os agrupamentos politicos e até mesmo entre aquellas pessoas que ainda não enfileiraram em nenhum partido. E' o velho Portugal que resuscita para a lucta, partindo de varios pontos, mas convergindo para o mesmo fim: — a expulsão dos afrancezados, dos jacobinos, inimigos da Patria!

E' por este motivo que reputamos inutil e até prejudicial para o interesse da Nação qualquer pacto entre tradicionalistas e constitucionaes, hoje, mais do que nunca, separados pelo abysmo dos principios. O liberalismo entrou em plena agonia e não nos compete nem nos convem dar apparencias de vitalidade a esse moribundo, que não deixará saudades quando de todo desaparecer.

Allega-se que a Causa Monarchica é bastante grande para n'ella caberem todas as correntes de opinião. E' uma phrase, nada mais, que nunca corresponderá a qualquer realidade pratica. O Senhor Dom Manuel considerando-se ainda hoje, como Catholico, Apostolico, Romano, ligado á monarchia constitucional por um Juramento Solemne, prestado sobre os Santos Evangelhos, affasta, embora o seu desejo possa ser contrario, todas as possibilidades de entendimento entre os monarchicos, visto que esta sua declaração, constante do ultimo manifesto, corresponde a impôr a todos os realistas, embora a titulo provisorio, a accettazione da monarchia da Carta até que o parlamento se reuna para deliberar se fica essa ou se vem outra.

Em nossa opinião o Senhor Dom Manuel leva demasiado longe o seu escrupulo religioso. Affigura-se-nos que esse juramento caducou no momento em que a republica foi implantada. A Nação, mudando de

(1) «Documentos politicos encontrados nos Palacios Reaes depois da revolução republicana de 5 de Outubro de 1910.»

regimen, substituindo a monarchia pela republica, com pouco derramamento de sangue em Lisboa e sem lucta de especie alguma em todo o resto do paiz, desjuramento. Cessando as obrigações d'um lado, cessaram immediatamente do outro. O Rei ficou, portanto, livre.

Isto não significa que duvidemos da sinceridade com que o Senhor Dom Manuel se julga ligado ao seu passado de monarchia constitucional nem tão pouco dos seus desejos quanto ao futuro. Entendemos, porem, que, uma vez restaurada a monarchia cartista, só com esses que desde logo rodeariam a pessoa do Senhor Dom Manuel — se resignariam a perder a influencia politica, deixando de dispôr do Rei como de coisa sua. Haja em vista o que se passou quando, apoz o regicídio, o Senhor Dom Miguel II se offereceu para vir para encontrados nos Palacios Reaes, a que mais atraz nos referimos, e verão como se dispõe da vontade d'um Rei constitucional, contrariando, ao mesmo tempo, os interesses do paiz, da monarchia e do monarca.

Uma vez restaurada a monarchia, todos nós os que pensamos á portuguezia, os que queremos o regresso Acção Realista, etc. — seríamos convidados a estar quietos e calados, sob o pretexto de evitar que o reconhecimento do regimen pelas nações estrangeiras, em especial pela Inglaterra, se fizesse esperar muito.

Entretanto, dispondo os constitucionaes do poder, pelo menos em maior numero, ia-se preparando a machina eleitoral, engenharia em que elles são eximios e de falta de pratica, pouco percebemos. De resto falta-nos *pessoa adestrada*, ao passo que elles disporiam dos caciques de hoje, que, são, afinal, salvo um ou outro, os caciques antigos; bastaria uma simples volta da taboleta e reapareceria o azul e branco. A actividade maçonica não deixaria de se fazer sentir, e é certo que, entre dois males, preferia o menor: — a monarchia constitucional, aguardando o momento de a poder estrangular outra vez. A vontade do povo seria então, como é hoje, como o foi sempre, em regimen liberalista, esmagada, e o futuro parlamento, temos d'isso quasi a certeza, chegaria á conclusão, apesar dos inflamados discursos dos nossos que lá fossem, que o melhor seria manter o existente em 1910, apenas com certas modificações, para não parecer a coisa tão feia.

E depois?!

Depois... tarde se perceberia o logro em que tínhamos cahido.

Depois, não nos conformando, entrariamos no periodo das conspirações e dos pronunciamentos militares. A monarchia seria a continuação, aggravada, da republica. Compreender-se-hia então, mas já fóra de horas, que tinha sido um mal deixar para depois da restauração a decisão de questões pendentes, que hoje podem resolver-se pacificamente e que depois teriam talvez um epilogo sangrento que, como patriotas, a todo o transe, nos cumpre evitar.

Não, nada de pactos, nada de ligações. Fique cada um com os seus principios e ver-se-ha, dentro em pouco, que os constitucionaes retintos são em numero tão reduzido que retirarão para suas casas, plenamente convencidos de que passaram de moda. Não lhe emprestemos vitalidade e elles deixarão de constituir um obstaculo para um entendimento serio, preciso e indispensavel, entre aquelles que professam os verdadeiros principios monarchicos, desejando uma monarchia dentro da qual as *habilidades* dos politicos não possam exercer-se.

Entretanto conservemos o Senhor Dom Duarte a coberto de todas as suspeitas de liberalismo, afastado de todas as combinações que a Nação, que é toda a gente e não apenas os politicos, possa não ver de bom grado, para que seja Elle a finalidade do movimento nacionalista, que cresce, que avança, que ha de vencer.

Assim julgamos ter interpretado o sentir de muitos amigos politicos que nos teem escripto, d'alguns dos quaes publicamos, a seguir, as respectivas cartas.

J. Nunes de Freitas



A PROPOSITO DO PACTO DE PARIS

SÃO em grande numero as cartas que temos recebido, referindo-se ao Pacto de Paris. D'entre ellas, sem que isso signifique menos consideração pelas outras pessoas, mas apenas porque estas tratam mais largamente o assumpto, destacamos as seguintes:

«St.º Thyrsó — Casa de Barrimao

18-2-1926

...Sr. J. Nunes de Freitas e meu caro amigo

Já que fui dos primeiros a reprovar e a lamentar com toda a força da minha alma o *soi disant* Pacto de Paris, sem encontrar dentro da minha emotividade e intelligencia nada que o justificasse, pois deixava os partidarios do nosso Rei n'uma situação tão mesquinha e humilhante que causava dó, venho agora, roto — graças a Deus! — o pobre papel, felicitá-lo por esse facto, que novamente nos deixa levantar a cabeça, como homens livres que sabem o que querem, que não transigem dentro dos seus nobres principios e que preferem a situação de vencidos a fazer parte de vencedores n'uma causa deshonestá.

O que representa o constitucionalismo soubemol-o nós pelo seu enredado viver (se isso foi viver) de oitenta annos, falseando tudo, inclusivé a fidelidade devida ao seu Rei, que por ultimo mandou assassinar, tendo como epilogo esta republica, em tudo tão semelhante á sua mãe constitucional, no parlamento, em incompetencias, em rapinas e n'outras coisas mais...

Se nada justificava o Pacto e elle se fez contra a vontade do Conselho do Partido Legitimista e da Junta Central do Integralismo Luzitano e dos fieis partidarios do Senhor Dom Duarte, que isto sirva de exemplo e de ponto final. Entendimentos onde não vibra a alma nem os interesses da Patria, representados pela velha Tradição, são sempre negocios em que o mais digno e ingenuo é sempre burlado.